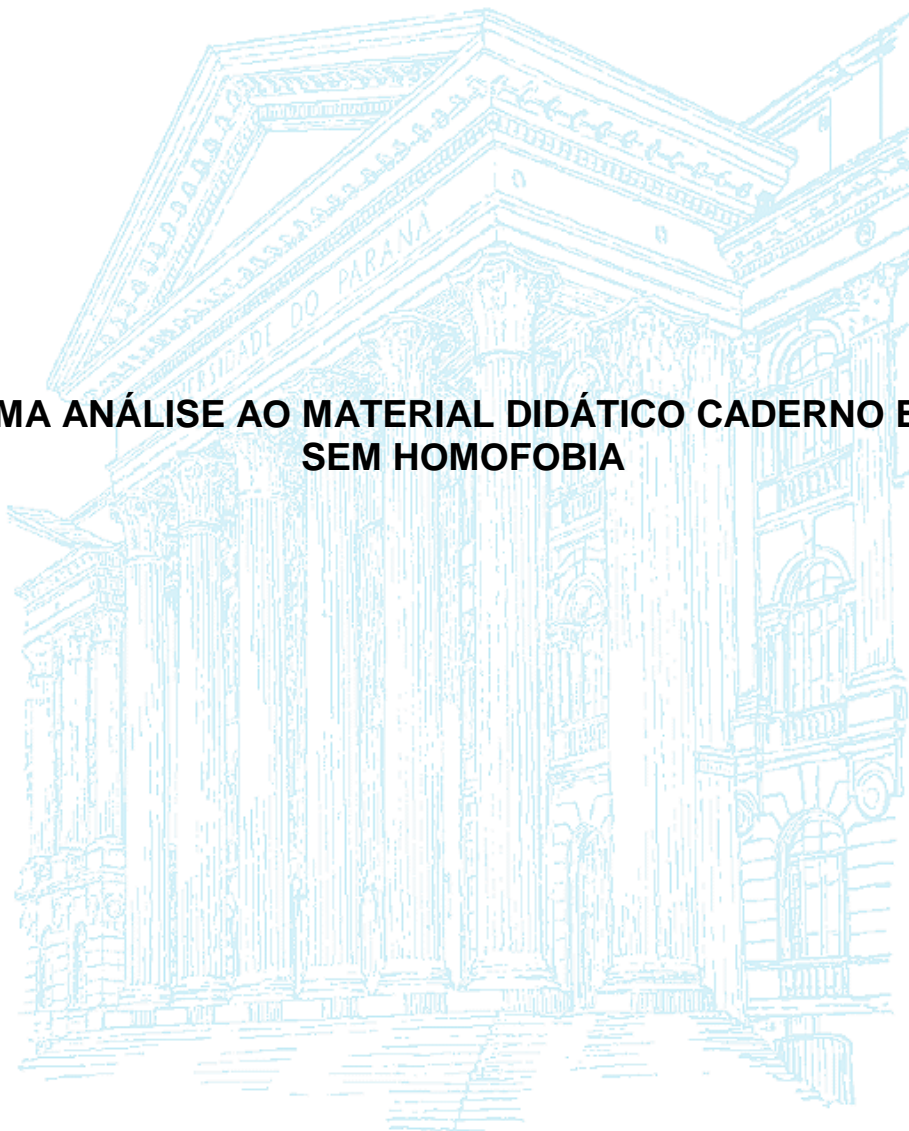


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

PRISCIELLI DO CARMO ROZO CERDEIRA DA ROSA

**POR UMA ANÁLISE AO MATERIAL DIDÁTICO CADERNO ESCOLA
SEM HOMOFOBIA**



LAPA
2016

PRISCIELLI DO CARMO ROZO CERDEIRA DA ROSA

**POR UMA ANÁLISE AO MATERIAL DIDÁTICO CADERNO ESCOLA
SEM HOMOFOBIA**

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação em nível de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola.

Orientador(a): Brenda Ferrari da Silva

LAPA
2016

POR UMA ANÁLISE AO MATERIAL DIDÁTICO CADERNO ESCOLA SEM HOMOFOBIA

Priscielli do Carmo Rozo Cerdeira da Rosa¹; Brenda Ferrari da Silva².

¹ Bacharel em História (UEPG); E-mail: prih_r@hotmail.com

² Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional (UFPR); E-mail: brendaferrarisilva@hotmail.com

RESUMO: O presente artigo oferece uma análise sobre o caderno escola sem homofobia, um dos componentes do 'Kit anti-homofobia', material didático elaborado pelo MEC em parceria com o Governo Federal entre os anos 2009-2013. O 'Kit' não chegou a ser distribuído aos alunos matriculados na rede pública de ensino como proposto inicialmente, assim, coube a essa pesquisa compreender a importância desse material ao abordar a temática da diversidade e sexualidade em ambiente escolar. Utilizando a metodologia de história do tempo presente (LE GOFF, 1999) e análise de discurso (FOUCAULT, 1999) tentou-se compreender o 'Kit' como um instrumento de apoio aos educadores e, além disso, conceber o material como um divulgador da proposta de desconstrução de preconceitos a gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros em ambiente escolar. Em linhas gerais, procuro nesta pesquisa contribuir com os estudos de gênero, ao problematizar a temática da discriminação e preconceito relacionados a identidade de gênero e diversidade sexual no espaço escolar.

Palavras-chave: Kit de combate à homofobia, história do tempo presente, gênero, ambiente escolar.

ABSTRACT: This article offers an analysis of the notebook school without homophobia, a component of 'Kit anti-homophobia' teaching materials prepared by the MEC in partnership with the Federal Government between the years 2009-2013. The 'kit' was never distributed to students enrolled in public schools as originally proposed, so it fell to this research to understand the importance of this material to address the issue of diversity and sexuality in school. Using the methodology history of the present time (LE GOFF, 1999) and discourse analysis (FOUCAULT, 1999) tried to understand the 'Kit' as a tool to support educators and further develop the material as a popularizer of deconstruction proposal prejudices the lesbian, gay, bisexual and transgender people in a school environment. In general, try this research contribute to gender studies, to discuss the issue of discrimination and prejudice related to gender identity and sexual diversity at school.

Keywords: Kit anti-homophobia, history of the present time, gender, school environment.

Os estudos de gênero iniciaram em 1960, com o surgimento do movimento feminista e, aos poucos, foi ganhando prestígio dentro da academia¹ proporcionando o aumento de publicações dessa temática em seus mais diversos aspectos.

Nesta pesquisa utilizaremos o conceito de gênero como categoria de análise, abordagem realizada pela historiadora norte-americana Joan Scott (1989). Tal pesquisadora compreende que o gênero é uma construção social e histórica que se forma a partir das relações sociais, ou seja, a partir das diferenças entre os sexos.

O gênero investigado a partir de uma categoria faz com que o pesquisador consiga dialogar e relacionar os fatos e acontecimentos com os contextos históricos, permitindo a compreensão dos discursos. Assim, podemos evidenciar que o gênero se constitui em meio às relações poder, assim como afirma Pierre Bourdieu (1988) os grupos dominantes moldam as práticas sociais e as reproduzem por meios de instituições, deixando em evidencia o seu poder, os grupos dominados, por sua vez, se sentem convencidos a aceitar as imposições hierárquicas. Nesta lógica do poder, reforçam-se as exclusões sociais², principalmente aos homossexuais.

A história do movimento LGBT além de ser recente – tomo como início o confronto de Stonewall Inn³ em 1969 – se encontra em um palco de conquistas e derrotas, avanços e retrocessos ao longo dos anos. Mesmo sendo possível compreender que o movimento LGBT vem desde o final da década de 60 buscando seus direitos, compreende-se aqui, que o movimento só vai ganhar notoriedade no início dos anos 2000, quando o Governo Federal inicia um programa voltado ao combate da homofobia.

Em trabalho anterior pude analisar – tendo jornais virtuais como fonte – as vozes favoráveis e desfavoráveis ao ‘Kit anti-homofobia’ (ROSA; LEANDRO, 2014). Entretanto, não foi utilizado em nenhum momento da pesquisa citada a própria cartilha do ‘Kit’, que até o momento não havia sido publicada. Pensando em dar continuidade à pesquisa, agora com a cartilha em mãos, analisaremos o próprio material, tentando extrair dele possíveis argumentos que vieram a contribuir para o

¹ Na academia, os estudos de gênero se consolidaram dentro da história cultural. Essa abordagem historiográfica, que surgiu na década de 1970, proporcionou aos pesquisadores um novo olhar para as tradições da cultura popular, como também para as experiências humanas na história.

² Principalmente para determinados grupos sociais, como: mulheres, negros, homossexuais, entre outros.

³ A rebelião de Stonewall foi um conflito entre homossexuais e policiais, ocorridos em Nova York (EUA) em 28 de junho de 1969. Stonewall é reconhecido como marco do surgimento do moderno movimento homossexual norte-americano, que se internacionalizou, sendo que o 28 de junho é internacionalmente comemorado como sendo o Dia do Orgulho Gay.

veto do 'Kit' e do mesmo modo, compreender esse material como um avanço da visibilidade LGBT, principalmente nos debates sobre gênero, sexualidade e diversidade em ambiente escolar.

Assim, nos propusemos com este trabalho, analisar o discurso utilizado no Caderno escola sem homofobia, a fim de visualizar: a) a importância de abordar a temática da diversidade em ambiente escolar; b) demonstrar o impacto do discurso ao trabalhar com a questão da homofobia; c) a compreender o 'Kit' como um material de apoio ao educador; d) como proposta de minimizar preconceitos no ambiente escolar.

Assim, compreendemos que debruçar sobre a história do tempo presente é antes de tudo, trabalhar com acontecimentos indefinidos, ou seja, discorrer sobre eventos que ainda estão na esteira do desenvolvimento. Argumentar sobre a história no calor dos acontecimentos se torna um desafio, pois segundo o historiador Jean Lacouture:

O historiador do presente e do imediato não dispõe dessa arma inelutável que possui o historiador clássico, conhecer a seqüência numa duração bastante longa. Ele deve manifestar uma prudência particular, não se arriscar na prospecção em função de um presente que não pode ser senão provisório (2000, p.63).

Dessa forma, mesmo diante da limitação temporal no estudo do historiador do tempo presente, essa investigação não deixará de ter um caráter de pesquisa histórica, visto que ao se propor a utilização do 'kit anti-homofobia' nas escolas, evidencia-se uma alavanca na cidadania LGBT.

Atualmente a temática LGBT tem chamado atenção dos pesquisadores, principalmente para o papel das políticas públicas de inclusão em nosso país e da dificuldade que os educadores possuem em abordar temas como a diversidade em sala de aula. Até o presente momento, apenas artigos de opinião encontrados em jornais se propuseram a analisar – superficialmente – o 'Kit'. Isso evidencia o caráter de pertinência desta pesquisa, pois além de contribuir com a comunidade acadêmica ao esboçar um olhar sobre esse material, a mesma também permite com que o mesmo não permaneça calado, sucumbido por aqueles que tiveram papel essencial em não deixar o 'Kit' ser posto em circulação.

Além das inúmeras especulações em torno do 'Kit', o mesmo não passou por um processo de reorganização pelo MEC – embora muitos veículos de comunicação

tenham mencionado que a mesma ocorreria – a fim de fazer o material ser utilizado pelos alunos em sala de aula. Após os inúmeros debates em torno do material didático, o mesmo foi silenciado e mais uma vez a comunidade LGBT saiu prejudicada, tendo em vista que há muita dificuldade em abordar assuntos determinados ‘polêmicos’, pois a sociedade ainda vê a homossexualidade como um caráter desviante. Isso faz com que seja criada uma “identidade deteriorada” (GOFFMAN, 1988, p. 13) para o indivíduo que passa a ser estigmatizado.

Portanto, compreendemos que essa lacuna entre o fracasso de colocar o ‘Kit’ em circulação e a não reorganização do material a fim de fazer o mesmo ser inserido no ambiente escolar precisa ser explorada, pois cremos que o ‘Kit’ possibilita dar vozes a grupos sociais marginalizados e excluídos da história.

A fim de respondermos nossos questionamentos, temos como fonte o Caderno Escola sem Homofobia, um dos materiais que compõe o ‘Kit de combate à homofobia’. Para conseguirmos analisar o mesmo, teremos como abordagem metodológica a pesquisa qualitativa. Devido a essa escolha, a pesquisa nos permitirá colher determinadas informações do material a ser investigado.

Sob a ótica metodológica do tempo presente, conduzimos essa pesquisa através dos ensinamentos de Le Goff (1999). Segundo ele, devemos: a) ler o presente e seus acontecimentos com suficiente e pertinente profundidade histórica; b) manifestar na leitura das fontes a criticidade necessária ao historiador segundo os métodos adaptados na análise; c) não apenas descrever ou recontar os acontecimentos, mas se esforçar para explicá-los; d) hierarquizar os acontecimentos, distinguir a periodicidade do fato significativo e importante e integrá-lo em uma problemática reconhecida historicamente.

Também nos nortearmos como abordagem metodológica a análise do discurso, pois incluímos como objetivo expor as diferentes perspectivas do discurso encontrado nesse material. Assim, compreende-se que “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar”. (FOUCAULT, 1999, p. 10). Essa citação encaixa perfeitamente no objetivo principal do ‘Kit’, que se refere dar voz aos estigmatizados da sociedade. Assim, essa análise nos permitirá compreender e visualizar a luta do movimento LGBT, como também, as adversidades que o movimento encontra para assegurar seus direitos na sociedade.

À vista disso, iremos nos ater ao aspecto do discurso centrado na importância em trabalhar com a diversidade no ambiente escolar.

O discurso não é a transposição cristalina de opiniões, de atitudes, de representações que existem de modo cabal antes da passagem à forma linguageira. O discurso não é um discurso acabado mas um momento num processo de elaboração, com tudo o que isso comporta de contradições, incoerências, de imperfeições. (BARDIN, 2011, p.218).

Portanto, não há discurso sem sujeito. O processo de elaboração do discurso está intrinsecamente relacionado ao confronto de emoções e desejos do sujeito. Assim, torna-se impossível esgotar o discurso, pois todo discurso remete a outro discurso.

O 'Kit de combate à homofobia'

O material didático anti-homofobia foi um dos projetos colocados em pauta pelo MEC e pelo Governo Federal, a fim de assegurar a cidadania da comunidade LGBT, através de políticas afirmativas dos direitos dos homossexuais. O mesmo começou a ser rascunhado ainda no ano de 2009, quando o Governo Federal começou a responder às necessidades da população LGBT, a fim de fortalecer o Programa Brasil sem Homofobia, criado em 2004.

De acordo com a apresentação do caderno escola sem Homofobia:

Esse Programa, verdadeiro marco histórico na luta de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, deve ser visto como um crucial e necessário avanço na ampliação e fortalecimento do exercício da cidadania por consolidar direitos políticos, sociais e legais tão arduamente conquistados pelo movimento LGBT brasileiro no enfrentamento à homofobia. (p.8)

Assim, o material didático anti-homofobia não pretende apenas fortalecer a cidadania da comunidade LGBT, o mesmo tem a função de informar a todos sobre o respeito à diversidade sexual e acabar com todo tipo de preconceito, principalmente com a homofobia, lesbofobia e transfobia.

Ao pensar a educação, o conhecimento, a escola e o currículo a serviço de um projeto de sociedade democrática, justa e igualitária entendemos que é papel de todas e todos que convivem no ambiente escolar assumir o desafio de perceber de que modo a homofobia (...) funciona para manter a discriminação de pessoas que, de alguma maneira, não se conformam às

convenções de gênero e de sexualidade (caderno escola sem homofobia, p.13).

O material atuaria como um instrumento pedagógico comprometido a desconstruir estereótipos sobre a comunidade LGBT, e ao mesmo tempo como componente auxiliador dos educadores em sala de aula ao abordar a temática do preconceito, proporcionando o respeito à diferença, seja por gênero, classe social, sexualidade, etnia e aparência física.

O material organiza-se a partir da seguinte proposta:

A reeducação sexual nas escolas de ensino fundamental e médio, no intuito de promover ideias relativas à igualdade de direitos; no caso específico, o material didático produzido buscou trazer à tona discussões sobre grupos profundamente estigmatizados na sociedade. (ROSA; LEANDRO, 2014, p.79)

Inicialmente o material seria entregue aos alunos do Ensino Fundamental (6ª a 9ª série) e aos alunos do Ensino Médio, a partir de agosto de 2011. Ao todo, o 'Kit' era formado pelos seguintes materiais:

a) Caderno Escola Sem homofobia: Peça-chave do kit, articula com os outros componentes. Traz conteúdos teóricos, conceitos básicos e sugestões de dinâmicas/oficinas práticas para o/a educador(a) trabalhar o tema da homofobia em sala de aula/na escola/na comunidade escolar visando a reflexão, compreensão, confronto e eliminação da homofobia no ambiente escolar. b) Boletins Escola sem Homofobia (Boleshs) - série de 6 boletins, destinados às/aos estudantes cada um abordando um assunto relacionado ao tema da sexualidade, diversidade sexual e homofobia. c) Audiovisual que reúne histórias que acontecem no ambiente escolar d) Cartaz e cartas para gestora/r e educadoras/r – o cartaz tem a finalidade de divulgar o projeto para a escola e para a comunidade escolar e as cartas apresentam o kit para o/a gestor(a) e educadores(as), respectivamente⁴.

Deste modo, o 'Kit' configura-se como um convite a educadores, alunos e a comunidade em geral a debater e a minimizar/abolir a homofobia em ambiente escolar.

Mediante as tais propostas do 'Kit', setores conservadores da sociedade brasileira se manifestaram contrários à utilização do material didático, com isso

⁴ **Nota oficial sobre o projeto Escola sem homofobia.** Disponível em: <<http://www.inclusive.org.br/?%20p=18368>>. Acessado em: 01/12/2015.

intensificaram os discursos de repúdio⁵ ao mesmo, sob alegação de diversas teses, sendo que a mais recorrida no momento pautava-se em dizer que o material incentivava a homossexualidade. Assim, o 'Kit' foi vetado, e até hoje permanece calado⁶.

Até o presente momento, nenhuma proposta foi colocada em pauta pelo Governo Federal a fim de retomar o projeto, da mesma forma, que nenhum outro plano⁷ surgiu para dar conta de debater sobre identidade de gênero em ambiente escolar.

O caderno 'Brasil sem homofobia'

Como não houve a distribuição do 'Kit' nas escolas públicas, os pesquisadores permaneceram sem poder analisá-lo. Recentemente a Revista Nova Escola conseguiu permissão junto ao MEC para disponibilizar o caderno 'Brasil sem homofobia'. O mesmo encontra-se organizada em três eixos: 1) Desfazendo a confusão – em que se apresenta e discute o conceito de gênero, 2) Retratos da homofobia na escola – propõe desocultar e desconstruir a homofobia no cotidiano escolar, 3) A diversidade sexual na escola – proposta é contribuir, com reflexões e sugestões de atividades, para a elaboração de planos de ação voltados à construção de Projetos Políticos Pedagógicos.

Além disso, o caderno apresenta sugestões de dinâmicas e filmes para alunos e professores. Mas, o principal foco do material é auxiliar na desconstrução de alguns mitos sobre a homofobia, para isso, o caderno traz à tona a explicação de alguns conceitos, como homofobia, diversidade e orientação sexual. Sempre mantendo o discurso desfavorável ao preconceito e aos estereótipos depreciativos.

1. Desfazendo a confusão

⁵ BARROS, Ana Cláudia. **MEC prepara kit anti-homofobia e provoca reação**. Disponível em: <<http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI4851100-EI6594,00-MEC+prepara+kit+antihomofobia+e+provoca+reao.html>>. Acessado em: 10/12/2015.

⁶ Ver: **Dois anos após veto, MEC diz que ainda 'analisa' kit anti-homofobia**. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/educacao/dois-anos-apos-veto-mec-diz-que-ainda-analisa-kit-anti-homofobia,62a3a67b302be310VgnVCM10000098cceb0aRCRD.html>>. Acessado em: 10/12/2015.

⁷ Para saber mais ver: **Representante da ONU volta a criticar governo brasileiro por suspender distribuição do kit gay nas escolas**. Disponível em: <<http://noticias.gospelmais.com.br/onu-criticar-governo-suspender-distribuicao-kit-gay-51724.html>>. Acessado em : 10/12/2015.

O capítulo apresenta e discute o conceito de gênero, identidade de gênero e orientação sexual. Também relata sobre a homofobia em ambiente escolar e de que modo ela pode ser minimizada em tal espaço.

A primeira discussão feita no Caderno está relacionada aos rótulos que a sociedade convencionou (masculino e feminino). A discussão feita em torno disso está pautada no fim do binarismo de gênero, ao afirmar que não existe um jeito correto de ser homem e de ser mulher. Dentro do padrão binário, evoca-se a hegemonia masculina, que acaba, na maioria das vezes, impondo a subordinação às mulheres.

Constrói-se assim um ideal do que é ser homem e do que é ser mulher, usando-se a diferença biológica para justificar uma hierarquia que no fundo é social e cultural, e que a escola muitas vezes reitera, com pouco ou nenhum questionamento a respeito. (Caderno escola sem homofobia, p.22)

Além disso, as organizações sociais determinam os papéis que homens e mulheres devem exercer na sociedade. Ao determinar esses locais, efetivam-se os estereótipos de gênero.

Essas características e atributos são produções culturais que permeiam todo o universo “masculino” e “feminino” e demarcam as desigualdades de gênero, criando tarefas, atribuições e normas, profissões e estilos de vida que novamente opõem e hierarquizam os sexos. Em decorrência, um menino que goste de brincar de boneca ou uma menina que tenha habilidade para chutar bola são vistos como “ameaças” à ordem natural e sofrem uma grande carga de repressão. O mesmo ocorrerá em relação à tonalidade da voz, às roupas, aos adereços, aos cuidados corporais e aos gostos em geral que não forem os socialmente esperados. O resultado dessa visão estreita será classificar como desviante da “norma natural” tudo o que está fora da hierarquização impostas. (Caderno escola sem homofobia, p. 27).

O cientista social Erving Goffman (1988), relata que existem três grupos estigmatizados na sociedade, 1) aqueles que possuem deformações físicas, 2) os que possuem desvios de caráter, 3) aqueles que postulam questões tribais/étnicas ou de religião. Nesta ótica, os homossexuais encontram-se dentro da segunda categoria e são reconhecidos como ‘desviantes de caráter, pois, diferem-se de uma ‘norma natural’, que no caso é a heterossexualidade.

Os homossexuais, por não compartilharem das normas propostas pela sociedade, se tornam estigmatizado e oprimido pela mesma. “O significado dessa discriminação aparentemente nos é dada como natural/normal, sendo que o ato de

'não gostar dos diferentes' acarreta nos padrões de opressão". (ROSA; LEANDRO, 2014, pg. 87).

Ainda de acordo com o caderno, o maior problema que os educadores têm à frente é o de como lidar com a diversidade sexual na escola.

Se as/os profissionais de educação tiverem sempre em seu horizonte a preocupação com a igualdade, estarão em condições de perceber as situações em que ela não é exercida plenamente – tanto na escola quanto na sociedade em geral – e poderão, desse modo, contribuir para uma reflexão crítica sobre tais relações, o que certamente conduzirá a práticas educacionais inclusivas e solidárias. (Caderno escola sem homofobia, pg. 22).

Ao não falar da diversidade sexual e principalmente da homofobia, a escola poderá contribuir – mesmo que indiretamente – para a prática do preconceito e discriminação. Se a escola não contribui para minimizar a homofobia, ela continua depositária da mesma, isso pode acarretar em uma série de transtornos as crianças e jovens que sofrem cotidianamente com o bullying.

2. Retratos da homofobia na escola.

Neste capítulo, o Caderno demonstra como a escola e os educadores devem se opor ao silêncio diante de manifestações homofóbicas a fim de não permitir com que as ações na escola conduzam agressões e violências de qualquer origem.

No ambiente escolar, a questão fundamental é questionar e impedir os efeitos dos estereótipos. Assim, a escola deve educar para a cidadania⁸, oferecendo o respeito às questões relativas à diversidade sexual e à identidade de gênero.

[...] as/os educadoras/es têm papel fundamental diante da exigência de ensinar valores sociais que possam contribuir para que as/os estudantes reflitam e discutam sobre a diversidade de pensamentos, posturas e condutas. No cotidiano da escola, o silêncio sobre alguns assuntos nada mais é que outra forma de difundir valores que impedem as/os estudantes de se sentirem mais seguras/os nesse ambiente. (Caderno escola sem homofobia, pg. 57).

Para que essas ações sejam concretas na escola, faz-se necessário repensar o currículo escolar. “A idéia de currículo é concebida em todas as suas dimensões,

⁸ Utilizamos a categoria de cidadania moderna, que corresponde à posse de direitos civis, políticos e sociais. Para saber mais: MARSHALL, T. H. **Cidadania, Classe Social e Status**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

distinguindo-se o *currículo formal*, criado pelo poder estatal, o *currículo real*, correspondente ao que é realizado na sala de aula, e o *currículo oculto*, constituído por ações, sem registros oficiais”. (BITTENCOURT, 2008, p.104). Falar sobre homofobia e evitar situações de conflito adentra no trabalho do professor e se faz presente no currículo oculto, pois mesmo a temática não estando presente no currículo real, ele é sentido no cotidiano escolar, visto que, cada vez mais presenciemos histórias sobre bullying dentro da escola.

Mediante a organização curricular, o Caderno escola sem homofobia propõe rever práticas dentro da instituição escolar, ou seja, ele auxilia com que jovens e educadores realizem uma reflexão relacionada ao gênero, sexualidade e diversidade, principalmente quando os mesmos são reproduzidos na escola de forma acrítica. Assim, o Caderno elenca quatro práticas que são estritamente excludentes. 1) A homofobia na “aceitação condicionada”, ou seja, a escola – por vezes – postula os comportamentos aceitos na instituição, sendo que em muitas vezes, a escola obriga alguns estudantes a se modificarem/esconderem para que não incomodem os olhos dos demais, alegando que o mesmo ‘fogem da norma’. 2) A oferta diferenciada de atividades corporais para meninas e meninos, ocorre geralmente nas aulas de educação física, quando se atribui jogos específicos para meninos e meninas. Assim, a escola tem que estar ciente de que na instituição não deve existir papéis definidos para o masculino e para o feminino. 3) O uso do banheiro, atinge as travestis e os transexuais, sujeitos que na maioria das vezes estão invisíveis dentro da instituição escolar, sendo que muitos abandonam a escola por não se sentirem seguros em tal espaço. 4) O direito ao nome social na lista de chamada, que atualmente já é reconhecido por lei – porém, não são todas as instituições que acatam tal atribuição – devido ao Decreto nº 7.388, de 9 de Dezembro de 2010.

Art 1º Deve ser garantido pelas instituições e redes de ensino, em todos os níveis e modalidades, o reconhecimento e adoção do nome social àqueles e àqueles cuja identificação civil não reflita adequadamente sua identidade de gênero, mediante solicitação do próprio interessado⁹.

Devido a essas implicações, a escola deve assumir compromissos com os alunos e a comunidade em geral em não aceitar ideias, posturas e condutas

⁹ **Resolução nº 12, de 16 de janeiro de 2015.** Disponível em: <<http://www.sdh.gov.br/sobre/participacao-social/cncd-lgbt/resolucoes/resolucao-012>>. Acessado em: 13/11/2015.

contrárias à prática do respeito ao próximo. Para isso, é preciso lembrar que o discurso dentro e fora da escola é sempre moldado, a partir das diversas forças de interesses.

O discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos; e quando tudo pode enfim, tomar a forma do discurso, quando tudo pode ser dito a propósito de tudo, isto se dá porque todas as coisas, tendo manifestado intercambiado seu sentido, podem voltar à interioridade silenciosa de conseqüências de si. (FOUCAULT, 1999, pg. 49)

Assim, o discurso tende a manipular e seduzir, por isso ele se concretiza como uma esfera de poder, pois ele é cobiçado e desejado devido a sua força de impacto nas pessoas.

3. A diversidade sexual na escola

O último capítulo do Caderno escola sem homofobia está voltado – em sua maior parte – para os educadores, pois o mesmo está direcionado à elaboração de PPPs (Projetos políticos-pedagógicos) que visem o enfrentamento da homofobia na escola.

Agindo nessa perspectiva, todo sistema escolar deve deixar de ser regido pelo silenciamento em relação à diversidade sexual. O silêncio constitui-se como um dos instrumentos de legitimação de regras estabelecidas pela dominação masculina¹⁰ e principalmente através de padrões heteronormativos.

Com a elaboração de um PPP voltado a desconstrução de estereótipos e preconceitos sobre a comunidade LGBT, pode ser possível identificar os problemas vivenciados na escola em suas diversas esferas, não apenas no âmbito da diversidade.

A construção do mesmo não deve ser feita apenas entre os educadores, mas deve também estar aberta a contribuição de toda comunidade, a fim de definir metas e objetivos a serem cumpridos em sua totalidade pela escola. O mesmo deve construir uma reflexão consciente e participativa, a fim de preencher as lacunas ainda presentes dentro da escola.

De tal modo, vale ressaltar que o Caderno escola sem homofobia:

¹⁰ Para saber mais: BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

[...] não é a resposta, mas apenas uma ferramenta – ou uma coleção delas – visando alterar concepções didáticas, pedagógicas e curriculares, rotinas escolares e formas de convívio social que funcionam para manter fronteiras rígidas entre as sexualidades e entre os gêneros que reproduzem a homofobia no ambiente escolar, de onde são também retransmitidas aos demais ambientes sociais. A ideia é fazer com que se percebam as situações em que essas fronteiras são demarcadas e a homofobia é reproduzida, e se aprenda com elas, também propondo novas formas de argumentação, mobilizando e multiplicando práticas e linguagens que abram possibilidades de contribuir com a construção de práticas pedagógicas e institucionais que valorizem positivamente a diversidade sexual. (Caderno escola sem homofobia, p.14/15).

A citação acima nos faz acreditar que o caminho para conseguirmos chegar a uma escola sem homofobia e que respeite a diversidade, é a prática do respeito ao próximo. A partir dos planos de ação criados pelos educadores e com a participação da comunidade em geral, a escola poderá passar a ser uma instituição que respeite a orientação sexual e identidades de gênero de seus alunos, podendo deste modo, conter o avanço do preconceito e da discriminação contra a comunidade LGBT – como também a outros grupos – em ambiente escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caderno escola sem homofobia arquiteta-se como um material que possui linguagem acessível e parte de uma explicação por analogias a fim de facilitar a recepção do conhecimento. Além disso, o caderno não é apenas uma ferramenta que deveria ser destinado apenas para os alunos, – por mais que o foco maior sejam os mesmos – ele também guiaria os passos dos professores em sala de aula e dos demais educadores na lógica organizacional da escola. O material também poderia ser utilizado pela comunidade em geral, visto que os alunos levariam esse material para a casa. Assim, o mesmo poderia vir a contribuir para minimizar o preconceito não apenas na escola, como também dentro da sua própria comunidade.

O caderno traz em sua maior parte uma abordagem voltada à comunidade LGBT, mas nem por isso exclui as demais diversidades. O mesmo faz menção à raça/etnia, gênero, classe social, entre outros. Quando se aborda a diversidade, sabemos que a mesma não é uma temática fácil, pois várias esferas do poder

interferem direta ou indiretamente nas relações de gênero, seja ela dentro ou fora da escola.

Educar para a diversidade não significa apenas reconhecer as diferenças, mas refletir sobre as relações e os direitos de todas as pessoas. Somente se transforma aquilo que se conhece. Assim, ampliar os espaços de reflexão e o acesso à informação é importante para o marco dos direitos humanos que cabem a todas/os. A escola como espaço de construção de conhecimento e de desenvolvimento do espírito crítico, onde se formam sujeitos, torna-se uma referência para o reconhecimento, respeito, acolhimento, diálogo e convívio com a diversidade. (Caderno escola sem homofobia, p.50).

Na Conferência Nacional de Educação Básica, definiu-se que “a escola pública se tornará cada vez mais pública na medida em que compreender o direito à diversidade e o respeito às diferenças como um dos eixos orientadores de sua ação e das práticas pedagógicas” (Brasil/MEC, 2008, p. 13). Dito isso, a escola e os educadores precisam estar dispostos a se adequarem a debater as pertinências da atualidade.

Muito se sabe que a falta de diálogo sobre sexualidade nas escolas está vinculada com a ausência de uma formação para trabalhar a temática em sala de aula. Assim, é preciso que sejam criados cursos de formação aos educadores para que os mesmos possam abordar temas como a diversidade e sexualidade com mais facilidade. A partir dessa perspectiva, o ‘Kit’ seria um primeiro instrumento a ser utilizado pelo professor, com isso, ele deveria servir como um estímulo aos profissionais da educação a continuarem a aperfeiçoar os estudos referentes à diversidade. Porém, para isso seria preciso que o MEC e o Governo Federal dessem conta de remodelar o material didático que por ora permanece calado. Cabe também ao Ministério da Educação promover cursos de formação aos professores – não apenas da rede pública – sobre a temática do gênero.

O discurso utilizado nesse material evoca a importância de trabalhar com a diversidade em sala de aula. No ‘Kit’ ele representa os interesses da comunidade LGBT, servindo para legitimar a trajetória do movimento, bem como para assegurar a cidadania para tal comunidade. Assim, o discurso do material tenta retirar o poder das mãos dos ‘opressores’ a fim de materializar a importância da comunidade LGBT no percurso histórico. Isto posto, o discurso tende a empoderar os excluídos¹¹ da

¹¹ Para saber mais, ler PERROT, Michelle. **Os excluídos da História**: operários, mulheres, prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

história, sugerindo visibilidade aos mesmos e propondo a minimização da homofobia, primeiramente na escola, para depois abranger a comunidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: Fundamentos e Métodos**. 2ª. Ed. São Paulo: Cortez, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. 2. ed. Rio de Janeiro, ed. Bertrand Brasil, 1998.

BRASIL. **Caderno Escola sem Homofobia**. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/pdf/kit-gay-escola-sem-homofobia-mec.pdf>>. Acessado em: 02/07/2015.

_____. Conselho Nacional de Combate à Discriminação. **Brasil sem Homofobia**: Programa de combate à violência e à descriminalização contra LGBT e promoção da cidadania homossexual. Brasília: Ministério da Saúde, 2004. Disponível em: <http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/brasil_sem_homofobia>. Acessado em: 28/04/2015.

_____. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Conferência Nacional da Educação Básica – Documento Final. Brasília, DF, 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/conferencia_seb.pdf>. Acessado em: 01/12/2015.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 5.ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

LACOUTURE, Jean. A história imediata. IN: LE GOFF, Jacques. **A história nova**. Martins Fontes, Rio de Janeiro, 2000.

LE GOFF, Jacques. 'A visão dos outros: um medievalista diante do presente'. IN: CHAUVEAU, Agnès. TÉTART, Philippe. *Questões para a história do presente*. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

ROSA, Priscielli do C. R. C; LEANDRO, José A. **O 'Kit' que não foi**: Debates e controvérsias sobre a tentativa de divulgação do material didático anti-homofobia elaborado pelo Governo Federal, 2011-2012. *Ateliê de História UEPG*, 2(2): 77-108, 2014. Disponível em: <http://revistas2.uepg.br/ojs_new/index.php/ahu/article/view/7420/4557>. Acessado em: 12/07/2015.

SCOTT, Joan. **Gênero**: Uma categoria útil para análise histórica. Trad. Christine Rufino Dabat, 1989. Disponível em: <http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf>. Acessado em: 29/11/2015.